

# Dispersão das influências e deslocamento da formação inicial

## *Dispersion of influences and the displacement of the initial formation*

**Luís Felipe Silveira de Abreu comenta o artigo de João Damasio da Silva Neto e Pedro Vasconcelos Costa e Silva**

### **Luís Felipe Silveira de Abreu**

<https://orcid.org/0000-0002-2460-5165>  
[paraluisabreu@gmail.com](mailto:paraluisabreu@gmail.com)

Doutorando em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Comunicação e Informação pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). Tem experiência na área da Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, Semiótica, Teoria Literária e Epistemologia da Comunicação. Como pesquisador, atua sobretudo com os seguintes temas: escritura, teoria semiótica, desconstrução, literatura contemporânea, teoria e epistemologia da Comunicação.

<http://lattes.cnpq.br/1944602254626344>

De modo a organizar de forma mais clara o relato, hierarquizando as questões postas e encaminhando os termos de um debate, o presente texto se dividirá em três momentos: de início, uma apreciação de tom mais geral, com impressões primeiras e mais amplas sobre a proposta do artigo em questão; a seguir, um momento de problematização, com o elencar de dúvidas surgidas na leitura, bem como de apontamentos de possíveis controvérsias; e, ao fim, um momento de sugestões e prolongamentos, nascidos das extensas e abertamente propositivas conclusões do artigo – a pretensão de um pensar-junto com o texto lido, em essência.

\*

De saída, é de se destacar o interesse da proposta, bem como sua relevância à área, ao apresentar uma faceta

distinta para o debate sobre a constituição do campo da Comunicação.

São recorrentes mesmo os debates sobre a dificuldade de dar consistência enquanto campo do conhecimento aos tantos fazeres da pesquisa em Comunicação, caldeira mais bem alimentada dos esforços epistemológicos, como as visitas aos anais do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, ou suas contrapartes em demais congressos, podem confirmar. Porém, se na maior parte das vezes se empreendem tais discussões em termos conceituais (com a disputa de distintas noções do que é Comunicação) ou mesmo metodológicos (nas distintas posições sobre qual é, ou qual deveria ser, o objeto de estudo desse campo, seu possível unificador), o artigo de João Damásio da Silva Neto e Pedro Vasconcelos Costa e Silva se destaca pelo olhar às origens empíricas desse campo enquanto campo de estudos, na instituição dos PPGs – e, nestes, um olhar para as origens epistemológicas de seus debates.

A produção deste estudo revela, assim, uma contribuição inequívoca aos estudos de Comunicação, abrindo um flanco outro para os debates metodológicos – e, por aí, oferta aos demais pesquisadores não apenas seus subsídios argumentativos, mas também importantes ferramentas a estudos de formação de mesmo tipo, com a indicação de uma metodologia própria (ainda que adaptada de Jean-François Tétu e Robert Boure, mas com um passo a passo detalhado e ajustes ao contexto institucional nacional).

Entrando em alguns pontos específicos da discussão de Silva Neto e Costa e Silva, é forçoso notar que, mesmo deste ponto de vista, o tema da fragmentação e da diversidade de abordagens para a Comunicação

insurge-se mais uma vez: são muitas as influências e, mesmo dentro daquela escolhida a se analisar (a francesa), são múltiplas as abordagens, como bem demonstra a primeira seção do artigo. Em um salto indutivo a partir desta leitura, poderíamos especular: não há uma sinédoque possível à Comunicação. Não há como tomar uma parte pelo todo.

Talvez por isto mesmo que o texto opere este estudo formativo fechando possibilidades e cercando seu trajeto investigativo a partir da abordagem de carreiras docentes: o “quem faz”, sobre “o que se faz”, mas iluminando as razões e os como deste fazer, alvo dos debates epistemológicos. Parece-nos um “achado” metodológico importante, com obtenção de resultados (são preciosas, por exemplo, as relações entre os espaços da formação francófona, os temas das teses dos professores estudados e suas linhas de pesquisa instituídas no espaço acadêmico brasileiro), além de produzir um registro historiográfico para a área.

Porém, se esse voltar-se às trajetórias dos docentes fornece uma perspectiva singular à análise (bem como o foco necessário a um artigo), a reduzida seleção de oito nomes, a partir do recorte da formação francófona, introduz os primeiros ruídos de leitura, que iremos problematizar a seguir.

\*

Falemos de novo da afirmada dispersão das influências. Se a formação dos estudos de Comunicação no país passa pela deglutição de perspectivas teóricas múltiplas, como o próprio artigo indica no início, seu foco nas formações de origem francesas parece um tanto apriorístico, como apresentado no texto. Compreende-se que, dado esse largo quadro de influências possíveis, é necessário um recorte: mas as razões desta escolha não são dadas de forma clara. Por que não “as origens brasileiras das Ciências da Comunicação: aspectos da formação alemã”? Ou, ainda, um estudo das inclinações funcionalistas, norte-americanas? Seria o artigo em questão resultado preliminar e recortado de um esforço de pesquisa maior, mais sistemático, sobre as diversas influências? Ou a escolha da formação francófona ocorre pela apontada semelhança nos percursos constitutivos das Ciências da Comunicação nestes dois países em questão?

Essas questões nublam de saída a leitura, e parece-nos que podem ser resolvidas de maneira simples, com uma mais transparente descrição metodológica, de objetivos e justificativas.

Não apenas aí se percebem as consequências dessa opacidade descritiva. O recorte dos oito docentes em questão já nos aparece logo após a exposição do passo a passo da pesquisa, mas não há maiores explicações de por que só estes. São os únicos nos quais se verificou a formação francesa? São oito recortados de um fundo de

quantos? Dos 130 de produtividade aludidos? Mas este número nos parece mais amplo, contando todos estes bolsistas e ultrapassando o recorte dos cinco PPGs fundadores. Isso interessa, na medida em que poderia demonstrar se, nos primeiros programas de pesquisa em Comunicação no Brasil, a influência decisiva foi mesmo a francesa, ou se esta foi apenas uma entre tantas.

Para além da metalinguagem metodológica, parecem-nos que estas questões têm a ver também com as escolhas dos bancos de dados investigados. A descrição indica como passos investigativos o contato com os PPGs iniciais da área no Brasil, bem como a consulta a dados da Capes e do CNPq; perguntamos se não foi aventada a hipótese de consulta a fontes outras, de caráter secundário, como entrevistas, portais de associações, volumes enciclopédicos, etc., em que constassem informações sobre professores na área de Comunicação nestas décadas iniciais. Caberia a exploração de ferramentas metodológicas do fazer histórico, também, sobretudo de vertentes focadas em fontes alternativas, como a Nova História ou, mais localizadamente, a Micro-História (cf. Levi, 1992). Esta última, em especial, por sua construção do relato histórico com foco em sujeito e fatos particulares poderia produzir um instrumental analítico bastante preciso e afinado ao estudo de trajetórias docentes, como proposto pelo artigo.

Tal ampliação das bases de investigação historiográfica poderia não só revelar outros nomes a serem compilados (como os ausentes docentes da UMESp, por exemplo), mas também oferecer dados outros sobre aqueles abordados no texto e sobre suas influências, complexificando o quadro de análise. Seria possível, assim, buscar *sinais*, menos do que fatos tabeláveis ou marcos institucionais, que poderiam conduzir o texto pelo caráter indiciário da narrativa dessas origens, se refletimos à luz da historiografia de Carlo Ginzburg (1989), por exemplo.

Tomo o caso de Décio Pignatari, um dos professores tabelados; o artigo bem aponta que sua formação francófona não se deu no âmbito acadêmico, e o coloca em pauta por sua atuação junto à Associação Internacional de Semiótica. Mas quem já leu sobre sua atuação junto à poesia concreta sabe também que a relação de Pignatari com o pensamento literário-comunicacional francês (estes polos se misturam na origem, como bem pontua a revisão de Silva Neto e Costa e Silva) se dá já desde a década de 1950, de forma difusa, a partir de contatos travados com pensadores, viagens de estudos e publicação no Brasil de comentários sobre nomes como Stéphane Mallarmé. Essa colocação em nada contradiz os achados do artigo, mas ilustra como as tais influências podem ser difusas e apresentam uma controvérsia possível à metodologia proposta. Penso, se falamos da poesia concreta, no professor Haroldo de Campos, de atuação na PUC-SP já na década de 1970. Não teria lugar no quadro (ou sua

atuação em disciplinas de semiologia não foi considerada como dentro do PPG de Comunicação)? Ou, ainda, docentes que, pouco antes do período de formação destes PPGs, passaram por estudos francófonos não institucionalizados, mas decisivos, como, por exemplo, seminários de Roland Barthes (como é o caso de Lucrécia Ferrara, contabilizada pelo artigo, mas talvez também de outros, não alcançáveis pelas fontes do CNPq).

\*

Entramos já aí no campo das sugestões, e com isso nos permitimos colocar estas linhas ao lado das linhas de inferência do texto. Suas considerações finais são distendidas, apresentando uma série de apontamentos diversos, o que denota o caráter inicial deste artigo (perguntamos uma vez mais se ele não integraria um esforço maior e mais sistemático), bem como o plano dos pesquisadores em desenvolverem mais facetas desta proposta. Neste sentido, buscamos finalizar com algumas tentativas de indicação para isto.

Agrada-nos, particularmente, certo ponto de chegada do texto, em que há uma especulação sobre como o pensamento brasileiro pode vir a ter deslocado o pensamento francês inicial, com a modulação de seus problemas conceituais pelos docentes brasileiros em suas teses e em suas linhas de pesquisa atual. Se as origens textualistas são claras, a *deglutição* por parte da Comunicação nacional parece enfocar aspectos como o caráter político, a cultura popular, os problemas urbanísticos e espaciais, denotando um deslocamento inevitável à produção de conhecimento. Mas para que lados nossos professores, retornados ao Brasil, levam esta produção é o que parece importar.

Para lembrar um decisivo texto de Silviano Santiago (também ele um “docente inicial”, de reflexão francesa, mas na área das Letras) sobre a absorção de influências na literatura, suas considerações sobre o *entrelugar do discurso latino-americano* (Santiago, 2000). Estaria a pesquisa em Comunicação brasileira também em alguma espécie de entrelugar, constituída (ou, melhor, constituindo-se continuamente) na tensão entre os temas teóricos eurocêntricos e as práticas e vivências precárias que toma como objetos empíricos? Como o esforço tradutório entre tais polos produz um pensamento comunicacional singular – e, isto nos parece ainda mais importante, como

este pensamento tropical pode “voltar” ao debate com o pensamento francófono e afins, revelando uma produtividade outra, um possível olhar sobre o problema midiático universal, desde o nosso lugar?

De modo mais pontual, seria possível antever nos desenvolvimentos ulteriores deste artigo alguns estudos metateóricos pontuais, como aquele aludido na aguda observação sobre a Nova Teoria da Comunicação. Há a (rica) hipótese de que o contato do professor Ciro Marcondes Filho com o pensamento comunicacional francês deu subsídios a esta proposição, singular em relação à sua atuação progressa; seria o caso de um estudo mais sistemático disso, abordando sua obra de um ponto de vista diacrônico, ressaltando alguns trabalhos e seus principais postulados, tendo como marco divisório seu pós-doutorado em Grenoble, pedra de toque para observar o que permanece e o que muda nas proposições a partir daí. De mesma forma, especulemos um ensaio de observação dos estudos sobre circulação e midiatização, mais frequentes na produção dos professores José Luiz Braga e Antônio Fausto Neto, e de como eles distendem seus estudos iniciais, a partir do contato acadêmico com a França.

Vê-se, por todo o desenvolvimento do texto de Silva Neto e Costa e Silva, que o olhar para trás é menos um exercício retrospectivo (ainda que o seja *também*, e as recuperações são a afirmação das bases, por mais fragmentárias e difusas que sejam, mesmo de saída) do que um desenho bruto do campo, que tanto ilustra suas fundações quanto joga linhas a desenvolver – já que as influências só se observam nos efeitos concretos que ensejam. E estes, na produção dos docentes e pesquisadores, não cessam.

## Referências

- GINZBURG, Carlo. 1989. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: Carlo GINZBURG, *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo, Cia. das Letras, p. 143-275.
- LEVI, Giovanni. 1992. Sobre a micro-história. In: Peter BURKE, *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Editora da UNESP, p. 133-161.
- SANTIAGO, Silviano. 2000. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro, Rocco.